

A METÁFORA FLORAL: UM ESTUDO DA AGUDEZA NA POÉTICA SEISCENTISTA¹

Vitória Helena Oliveira da Silva², Marcello Moreira³

RESUMO

Este estudo de Iniciação Científica investiga o uso da metáfora floral na poesia portuguesa do século XVII, mais especificamente na antologia *A Fênix Renascida*. A pesquisa examina a construção deste tropo a partir dos pilares retórico-poéticos do período: a *imitatio* (imitação de autoridades clássicas), a emulação (sua superação criativa) e a agudeza (a arte de elaborar conceitos engenhosos e surpreendentes). No que concerne à fundamentação teórica, nos ancoramos nos pressupostos de Aristóteles Aristóteles [384 a.C. - 322 a.C.] (1979), Gracián ([1648] 2001) e Tesouro (1670) sobre a agudeza e o lugar que a metáfora assume nela. Ademais, valemo-nos de teóricos como Lausberg (1972) e Carvalho (2007), que oferecem uma leitura historicamente situada do fenômeno. A metodologia utilizada combinou revisão bibliográfica, seleção de *corpus* e análise retórico-poética detalhada do soneto *À Rosa (A Fênix Renascida, tomo I)*, categorizando as metáforas florais encontradas em três eixos temáticos principais: a *vanitas*, a moralização e o religioso. Por fim, a análise demonstrou que a metáfora floral, longe de ser mero adorno, opera como um sofisticado instrumento de agudeza, uma vez que articula a tradição clássica com o engenho seiscentista para cumprir os objetivos retóricos de instruir, comover e deleitar o leitor, revelando-se central para a poética seiscentista.

PALAVRAS-CHAVE: Agudeza seiscentista, Fênix Renascida, Metáfora floral.

THE FLORAL METAPHOR: A STUDY OF AGUDEZA IN SEVENTEENTH-CENTURY POETICS

ABSTRACT

This Scientific initiation project investigates the use of floral metaphor in seventeenth-century Portuguese poetry, more specifically in the anthology *A Fênix Renascida*. The research examines the construction of this trope based on the rhetorical-poetic pillars of the period: *imitatio* (imitation of classical authorities), emulation (its creative transcendence), and *agudeza* (the art of elaborating ingenious and surprising concepts). Regarding the theoretical framework, this study is grounded in the theoretical premises of Aristotle [384 b.C. - 322 b.C.] (1979), Gracián ([1648] 2001), and Tesouro (1670) concerning *agudeza* and the place that metaphor occupies within it. In addition, *the research also engages with* theorists such as Lausberg (1972) and Carvalho (2007), who provide a historically situated reading of the phenomenon. The methodology combined bibliographic review, corpus selection, and detailed rhetorical-poetic analysis of the

¹ Este trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) sob orientação do Prof^a Dr^a Marcello Moreira.

² Discente do curso de Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: vi.dejanira@gmail.com.

³ Professor Titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com.

sonnet *À Rosa (A Fênix Renascida*, tomo. I), categorizing the floral metaphors identified into three main thematic axes: *vanitas*, moralization, and religious. Finally, the analysis demonstrated that the floral metaphor, far from being a mere ornament, operates as a sophisticated instrument of *agudeza*, since it articulates the classical tradition with seventeenth-century ingenuity to fulfill the rhetorical purposes of instructing, moving, and delighting the reader, thereby proving to be central to seventeenth-century poetics.

KEYWORDS: Fênix Renascida, Floral metaphor, Seventeenth-century *agudeza*.

INTRODUÇÃO

A imitação, definida, desde Aristóteles [384 a.C. - 322 a.C.], como atividade natural ao homem, figura como base da poesia. O século XVII, no entanto, dá nova roupagem a essa prática, transfigurando-a em emulação, cujo fim é instruir, comover e deleitar (Lausberg, 1972). Nesse prisma, a *agudeza* – relação estabelecida entre conceitos engenhosos que, por meio da metáfora, produzem efeitos peregrinos – se apresenta como síntese da poética seiscentista (Carvalho, 2007). Dada a expressividade da metáfora para o engenho, muitos teóricos, tais como Gracián ([1648] 2001) e Tesouro (1670), se empenharam em discuti-la.

Apesar disso, a metáfora floral, recorrente nos Seiscentos, raramente é alvo de investigações. Desse modo, nos interessa, nesta pesquisa, compreender como tal tropo foi tematizado em *A Fênix Renascida* (1716-1746), integrando tópicos como *vanitas*, beleza feminina e moralização religiosa. Mesmo diante das restrições contrarreformistas à época, a antologia, dividida em cinco tomos, constitui o mais significativo cancionero do “barroco” ibérico, reunindo cerca de 45 mil versos, dos quais elencamos, para análise, os 14 constituintes do soneto *À Rosa* (tomo I). Nosso objetivo, portanto, é analisar o papel da metáfora floral como figura de *agudeza*, investigando como esses recursos refletem o pensamento do século XVII e ainda dialogam com tradições da Antiguidade e do Renascimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

A fim de dar conta da metáfora floral na poética seiscentista, equilibrando a densidade do material literário e crítico e a necessidade de estabelecer recortes que possibilitassem um tratamento analítico consistente, a metodologia adotada não se restringe a uma abordagem meramente formalista, mas procura compreender a metáfora em sua dimensão histórica, reconhecendo-a como produto de uma tradição literária regulada por normas.

Nosso percurso metodológico compõe-se de cinco etapas articuladas: 1) seleção de fontes primárias; 2) seleção de fontes secundárias; 3) seleção do *corpus*; 4) catalogação das metáforas florais; 5) análise retórico-poética. A primeira etapa se deu

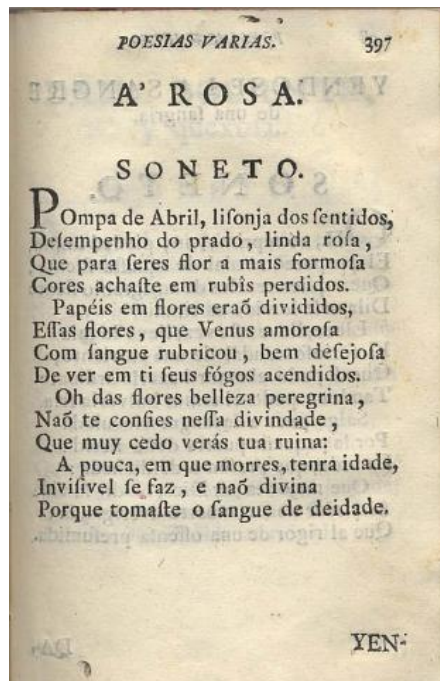
devido à necessidade de sistematizar os conceitos de engenho, metáfora e agudeza. Nesse sentido, recorreremos aos tratados retórico-poéticos de Aristóteles [384 a.C. - 322 a.C.] (1979), Gracián ([1648] 2001) e Tesouro (1670). Na seleção de fontes secundárias, por sua vez, mapeamos, para além dos estudos clássicos sobre o período, debates mais recentes como os engendrados por Lausberg (1972) e Carvalho (2007).

Na etapa seguinte, seleção do *corpus*, reunimos escritos com metáforas florais e os organizamos em números e espécies de flores, fator que revela o caráter qualiquantitativo do estudo. Posteriormente, as catalogamos a partir dos seguintes eixos temáticos: *vanitas*, em que o tropo atua como emblema da fugacidade da vida; moralização, que associa a metáfora floral à virtude e à dimensão pedagógica da poesia; e religiosidade, em que o tropo aparece como metáfora da transcendência espiritual. Por fim, passamos à análise retórico-poética de um dos exemplares catalogados, sobre a qual discutimos na próxima seção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O soneto analisado segue o padrão formal canônico, sendo composto por dois quartetos e dois tercetos. Suas rimas são consoantes e estão esquematizadas em ABBA², CDC e DCD. Quanto à riqueza, há o predomínio de rimas pobres. Vejamos a captura de tela de *À Rosa*:

FIGURA 1: captura de tela do soneto *À Rosa*.



Fonte: *A Fênix Renascida*, tomo I.

Nos dois primeiros versos, a metáfora floral surge como epítome da perfeição natural, marcada por esplendor cromático e pela graça sensual que lisonjeia os sentidos. Porém, esse caráter elogioso não se mantém linear, pois logo é tensionado pela consciência da finitude, relacionando-se à *vanitas*, primeiro eixo proposto. Assim, a rosa não deve apostar na aparente divindade da beleza, uma vez que o jogo entre elevação e ruína constitui a essência desse tópos. Tal particularidade atua na poética seiscentista advertindo sobre a efemeridade do belo, o que nos leva ao eixo da moralização.

Na segunda estrofe, a associação da cor vermelha da rosa ao “sangue rubricado” de Vênus possibilita a construção de um paradoxo metafórico. Nele, o dom da divindade, relacionado ao eixo da religiosidade da metáfora floral, não confere eternidade à flor, mas provoca sua própria queda. Esses versos performam a *imitatio* ao retomarem um *topoi* consagrado: o signo floral como representação ambivalente de beleza e de corrupção.

A conclusão do soneto é de uma agudeza ímpar, já que a rosa vai da perfeição à fragilidade, engenho retórico que articula a antítese entre divino e perecível, transfigurando a beleza em um signo efêmero. Esse efeito não é meramente estético, pois cumpre a tríade retórica *docere, movere e delectare*, mecanismo estruturador que deleita pela engenhosidade, move através da comoção, e instrui moralmente acerca do desengano.

CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES

No desvelar desta pesquisa, identificamos a complexidade em investigar o uso da metáfora floral nas letras seiscentistas, tarefa que requer um aprofundamento que vai além do possibilitado pela Iniciação Científica, não podendo, no entanto, deixar de reconhecer sua importância para a concepção e desenvolvimento primário desse projeto. Isto, pois, foi a condição de bolsista CNPq neste Programa que traçou as bases fundamentais para uma pesquisa futura.

Acerca dos resultados alcançados no decorrer da análise empreendida, é possível verificar que a metáfora floral, na poética do século XVII, não se reduz a mero ornamento, mas compõe verdadeiro ornato dialético, instrumento de reflexão sobre a fragilidade da vida terrena, a moral e a transcendência. Isto, pois, o tropo em questão atua tanto como emblema da fugacidade quanto na instrução e relação com o divino, exemplificando a sua multiplicidade retórico-poética, articulável em diferentes lugares-comuns.

Destarte, em consonância com a função formativa da literatura em tal contexto histórico-cultural, os escritos revelam como a poesia dos Seiscentos, concebida e atravessada pela agudeza, translada o fugaz em preceitos morais. Contudo, esses resultados não esgotam a temática, mas corroboram a necessidade de uma investigação mais rigorosa.

Logo, destacamos o nosso anseio de que este estudo se expanda, no porvir, para uma possível pesquisa de Mestrado, na qual poderemos – além de esmiuçar a agudeza poética dos Seiscentos, que foi sumariamente explorada aqui – esquadriñar os métodos editoriais vigentes, selecionar o que nos for mais adequado e aplicar os pormenores dos critérios de transcrição e demais atividades pertencentes à Edição Crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979.
- CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. **Poesia de agudeza em Portugal**. São Paulo: Humanitas Editorial; Edusp; Fapesp, 2007.
- GRACIÁN, Baltasar. **Agudeza y arte de ingenio**. Madrid: Espasa Calpe, [1648] 2001.
- HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- LAUSBERG, H. **Elementos de retórica literária**. Tradução, prefácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- TESAURO, E. **Il cannocchiale aristotelico, o sia, Idea dell'arguta et ingeniosa elocutione**: che serue à tutta l'arte oratoria, lapidaria, et simbólica. Esaminata cò' principij del diuino Aristotele dal conte & caualier gran croce d. Emanuele Tesauero, patritio torinese. Torino: Per Bartolomeo Zauatta, 1670. Disponível em: <https://ia601309.us.archive.org/7/items/imageGII244NarrativaOpal/imageGII244NarrativaOpal.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.